

A Aliança da Redenção entre o Pai e o Redentor

– JOHN FLAVEL



CASUÍSTICA
PURITANA

A ALIANÇA DA REDENÇÃO ENTRE O PAI E O REDENTOR - POR JOHN FLAVEL (1627–1691)

Link: <https://www.apuritansmind.com/the-christian-walk/the-covenant-of-redemption-between-the-father-and-the-redeemer-by-rev-john-flavel/>

“Portanto, eu lhe darei a parte com os grandes, e com os poderosos ele repartirá os despojos; porque derramou a sua alma na morte; e foi contado com os transgressores; e levou sobre si o pecado de muitos, e pelos transgressores intercedeu.” Isaías 53:12.

Neste capítulo, o evangelho parece ser resumido; o assunto dele é a morte de Cristo, e o glorioso resultado disso; ao ler sobre ele, o antigo eunuco, e muitos judeus desde então, foram convertidos a Cristo. Cristo é aqui considerado absolutamente, e relativamente; Absolutamente, sua inocência é diligentemente vindicada, v. 9. Embora ele tenha sofrido coisas graves, ainda não por seus próprios pecados, "porque ele não fez violência, nem houve engano algum em sua boca", mas relativamente considerado na capacidade de uma garantia para nós. Assim a justiça de Deus é tão completamente vindicada em seus sofrimentos, v. 6: "O Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos." Como ele veio a sustentar essa capacidade e relação de uma garantia para nós, nestes versículos é claramente afirmado [que há um] pacto e acordo com seu Pai, antes que os mundos fossem feitos, versículos 10, 11,12.

Neste versículo temos:

1. Sua obra;
2. Sua recompensa;
3. O respeito ou relação de cada um com o outro.

1. **Sua obra**, que era de fato uma obra árdua, de derramar sua alma até a morte, agravada pelos companheiros, com os quais [fora] contado com transgressores; a capacidade na qual, suportando todos os pecados dos eleitos, "ele levou os pecados de muitos *na* e *pela* maneira de suportá-los, a saber, mansamente e perdoadando, "ele fez intercessão pelos transgressores". Esta foi sua obra.

2. **A recompensa** ou fruto que lhe é prometido por esta obra: "portanto, eu lhe darei uma parte com os grandes, e ele dividirá o despojo com os fortes"; onde está uma alusão clara aos conquistadores na guerra, para quem são reservadas as vestes mais ricas e os cativos mais honrados para seguir o conquistador, como um acréscimo à sua magnificência e triunfo; estes estavam acostumados a vir atrás deles em correntes, Is 45:14 . Veja Juízes 5:3

3. **O respeito** ou relação entre essa obra e esse triunfo. Alguns verão essa obra como não tendo nenhuma outra relação com essa glória, além de um mero antecedente para um conseqüente; outros dão a ela o respeito e a relação de uma causa meritória para uma recompensa. É bem observado pelo Dr. Featly, que a partícula hebraica "*lachen*", que nós traduzimos portanto, notando a ordem, não vale tanta disputa sobre isso, seja a ordem de casualidade, ou mero antecedente; nem prevejo qualquer absurdo em chamar a exaltação de Cristo de recompensa e fruto de sua humilhação; no entanto, é claro, seja um ou outro, o Pai aqui concorda e promete dá-lo, se ele empreender a redenção dos eleitos, derramando sua alma até a morte; de tudo isso este é o resultado claro:

DOCTRINA. *O negócio da salvação do homem foi transacionado em termos de aliança, entre o Pai e o Filho, desde toda a eternidade.*

Eu estaria enganado aqui, se eu fosse agora tratar do pacto da graça, feito em Cristo entre Deus e nós; não é o pacto da graça, mas da redenção, que devo agora tratar, o que difere do pacto da graça – em relação aos federados no da redenção, que é Deus Pai, e Jesus Cristo, que mutuamente pactuam; no da graça, é Deus e o homem; eles diferem também na parte receptiva: no da redenção é requerido de Cristo que ele derrame seu sangue, no da graça é requerido de nós que creiamos. Eles também diferem em suas promessas: no da

redenção Deus promete a Cristo um nome acima de todo nome, amplo domínio de mar a mar; no da graça, para nós, graça e glória – de modo que estes são dois pactos distintos.

A substância desta aliança de redenção é, em termos de diálogo, expressa a nós em Isaías 49 , onde (como os teólogos bem observaram), Cristo começa, no primeiro e segundo versículos, e mostra sua comissão, dizendo a seu Pai, como ele o havia chamado e preparado para a obra da redenção:

“O Senhor me chamou desde o ventre — ele fez da minha boca uma espada afiada e me fez uma flecha polida”.

Em razão daquela medida superabundante do Espírito de sabedoria e poder com o qual sou ungido e preenchido; minha doutrina, como uma espada, perfurará os corações dos pecadores; sim, como uma flecha, apontada para a cabeça, atingirá profundamente as almas que estão a uma grande distância de Deus e da piedade.

Tendo dito a Deus quão pronto e apto ele estava para seu serviço, ele saberá dele qual recompensa ele terá por sua obra, pois ele resolve que seu sangue não será subestimado; então, versículo 3, o Pai lhe oferece os eleitos de Israel como sua recompensa, uma oferta pequena a princípio (como aqueles que fazem barganhas costumam fazer) e apenas lhe oferecendo aquele pequeno remanescente, ainda pretendendo oferecer mais. Mas Cristo não ficará satisfeito com estes, ele valoriza seu sangue mais do que isso; portanto, no versículo 4 ele é mostrado reclamando:

“Eu trabalhei em vão, e gastei minha força para nada”.

Esta é apenas uma pequena recompensa por um sofrimento tão grande pelo qual devo passar; meu sangue vale muito mais do que isso, e será suficiente para redimir todos os eleitos dispersos entre as ilhas dos gentios, bem como as ovelhas perdidas da casa de Israel.

Então o Pai sobe o valor, e lhe diz que pretende recompensá-lo melhor do que isso; e, portanto, o versículo 6 diz:

“É coisa leve que sejas meu servo para restaurar as tribos de Jacó e trazer de volta os preservados de Israel; também te darei para luz dos gentios, para que sejas a minha salvação até aos confins da terra.”

Assim é o tratado realizado entre eles, transacionado à maneira dos homens.

Agora, para abrir este grande ponto, vamos considerar aqui:

- 1. As pessoas que realizam transações entre si;*
- 2. O negócio transacionado;*
- 3. A qualidade e a forma da transação, que é federal;*
- 4. Os artigos com os quais concordam;*
- 5. Como cada pessoa cumpre seu compromisso com a outra.*

E, por fim, a antiguidade ou eternidade desta transação de aliança.

1. **As pessoas** que transacionam e lidam umas com as outras nesta aliança; e de fato são grandes pessoas, Deus Pai, e Deus Filho, o primeiro como um Credor, e o último como um Fiador. O Pai se coloca na satisfação, o Filho se compromete a dá-la. Se for objetado por que o Pai e o Espírito não poderiam ter tratado tão bem de nossa redenção, como o Pai e o Filho, é respondido que Cristo é o Filho natural de Deus, e, portanto, mais apto para nos fazer filhos adotivos de Deus. Cristo também é a Pessoa do meio na Trindade, e, portanto, mais apto para ser o Mediador e a Pessoa do meio entre nós e Deus. O Espírito tem outro ofício designado a ele, para aplicar, como Vice-Regente de Cristo, a redenção projetada pelo Pai, e comprada pelo Filho para nós.

2. **O negócio** transacionado entre eles – esse era a redenção e recuperação de todos os eleitos de Deus; nossa felicidade eterna estava agora diante deles, nossas preocupações mais queridas e eternas estavam agora em suas mãos; os eleitos (embora ainda não existissem) são aqui considerados como existentes, sim, e como criaturas caídas, miseráveis e desamparadas; e como estes podem

novamente ser restaurados à felicidade sem prejuízo da honra, justiça e verdade de Deus; este é o negócio que estava diante deles.

3. **Quanto à maneira** ou qualidade da transação, ela era federal, ou da natureza de um pacto; era por meio de compromissos e estipulações mútuas, cada pessoa se comprometendo a desempenhar sua parte para nossa recuperação.

Encontramos cada pessoa se comprometendo por si mesma por promessa solene; o Pai promete que ele “segurará sua mão e o guardará”, Is 42:6 . O Filho promete que obedecerá ao chamado de seu Pai para o sofrimento e não “será rebelde”, Is 50:5 . E, tendo prometido, cada um mantém o outro em seu compromisso. O pai se mantém firme na satisfação prometida a ele; e, quando o pagamento estiver sendo feito, ele não lhe diminuirá um centavo, Rm 8:32 : “Deus não poupou seu próprio Filho”, isto é, ele não diminuiu nada do preço total que ele deveria ter em suas mãos por nós.

E assim como o Pai permaneceu estritamente nos termos da aliança, Cristo também o fez, João 17:45: “Eu te glorifiquei na terra (diz ele ao Pai), terminei a obra que me deste para fazer; e agora, Pai, glorifica-me contigo mesmo.” Como se ele tivesse dito: Pai, a obra está feita, agora onde está o salário que me foi prometido? Eu clamo por glória como o que me é devido, tanto quanto o salário do trabalhador é devido a ele, quando seu trabalho está feito.

4. Mais particularmente; consideraremos em seguida **os artigos** com os quais ambos concordam; ou, o que é que cada pessoa faz por si mesma, promete à outra. E, para nos deixar ver o quanto o coração do Pai está engajado na salvação dos pobres pecadores, há cinco coisas que ele promete fazer por Cristo, se ele empreender essa obra.

Primeiro, Ele promete investi-lo e ungi-lo para um ofício triplo, responsável pela miséria que recai sobre os eleitos como barreiras a toda comunhão e desfrute de Deus; pois, se o homem for restaurado a essa felicidade, a cegueira de sua mente deve ser curada, a culpa do pecado expiada e seu cativo ao

pecado levado cativo; responsavelmente, Cristo deve, "de Deus, ser feito para nós, sabedoria, justiça, santificação e redenção", 1 Co 1:30. E ele é feito assim para nós como nosso Profeta, Sacerdote e Rei; mas ele [mesmo] não poderia se colocar em nenhum destes [ofícios], pois se assim fosse, ele teria agido sem comissões e, conseqüentemente, tudo o que ele fez teria sido inválido – Hb 5:5: "Cristo não se glorificou a si mesmo para se tornar Sumo Sacerdote, mas aquele que lhe disse: Tu és meu Filho". Uma comissão, portanto, para agir com autoridade, nestes ofícios, sendo necessária para nossa recuperação, o Pai se compromete a selá-lo com tal comissão tripla.

Ele promete investi-lo com um sacerdócio eterno e real, Salmo 110:4: "O Senhor jurou, e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque." Este Melquisedeque sendo Rei da Justiça, e rei de Salém, isto é, *Paz*, tinha um sacerdócio real; e sua descendência não sendo considerada, tinha um prenúncio de eternidade em si, e assim era mais apto a tipificar e sombrear o sacerdócio de Cristo do que o de Arão, Hb 7:16,17, 24,25, como o apóstolo os acomoda ali.

Ele promete, além disso, fazer dele um Profeta, e um extraordinário, até mesmo o Príncipe dos profetas; o principal Pastor, tão superior a todos os outros, quanto o sol é para as estrelas menores; assim você tem, Is 42:6,7: "Eu te darei para luz dos gentios, para abrires os olhos dos cegos..."

E não somente isso, mas para fazê-lo rei também, e de todo o império do mundo; assim, Sl 2:6,7,8: "Pede-me, e eu te darei as nações por herança, e os confins da terra por tua possessão." Assim, ele promete qualificá-lo e equipá-lo completamente para a obra, por sua investidura com este triplo ofício.

Segundo, visto que ele sabia que era uma obra árdua e difícil que seu Filho iria empreender, uma obra que teria quebrado as costas de todos os anjos no céu e dos homens na terra, se tivessem se envolvido nela, portanto, ele promete estar ao seu lado, e ajudá-lo e fortalecê-lo para isso; assim, Is 42:5,6,7: "Eu segurarei sua mão", ou segurarei você com minhas mãos, pois assim pode ser traduzido, isto é, eu sustentarei e apoiarei sua humanidade, quando ela estiver sobrecarregada com o fardo que virá sobre ela, e pronta para afundar sob ele;

pois foi assim que o caso estava com ele, Marcos 14:34, e assim foi predito dele, Isa 53:7: “Ele foi oprimido...”. E de fato a humanidade precisava de um suporte de não menos força do que o poder infinito da Divindade; a mesma promessa que você tem no primeiro versículo também: “Eis o meu servo a quem sustenho”.

Terceiro, Ele promete coroar sua obra com sucesso e levá-la a um resultado feliz, Is 53:10: “Ele verá a sua semente, prolongará os seus dias, e o prazer do Senhor prosperará em sua mão.” Ele não começará para não terminar; ele não derramará seu sangue inestimável em termos arriscados, mas verá e colherá os doces frutos disso, como a mãe alegre esquece suas dores, quando ela abraça e beija prazerosamente seu filho vivo.

Quarto, o Pai promete aceitá-lo em sua obra, embora milhões certamente pereçam, Is 49:4: “Certamente (diz ele) minha obra é com o Senhor”, e v. 5: “Serei glorioso aos olhos do Senhor.” Sua fé tem, portanto, respeito a este pacto e promessa. Consequentemente, o Pai manifesta a satisfação que tinha nele e em sua obra, mesmo enquanto estava sobre ela na terra, quando veio tal “voz da glória excelente, dizendo: Este é meu Filho amado, em quem me comprazo.”

Quinto, como ele se comprometeu a recompensá-lo imensamente por sua obra, exaltando-o a uma glória e honra singulares e supereminentes, quando ele deveria tê-la despachado e terminado. Então você se lê Salmo 2:7: “Eu declararei o decreto; o Senhor me disse: Tu és meu Filho, hoje te gerei.” É falado do dia de sua ressurreição, quando ele tinha acabado de terminar seus sofrimentos. E assim o apóstolo expõe e aplica, Atos 13:32,33. Pois então o Senhor limpou a reprovação de sua cruz, e o investiu com tal glória, que ele se parecia consigo mesmo novamente. Como se o Pai tivesse dito, agora você recuperou novamente sua glória, e este dia é para você como um novo dia de nascimento.

Estes são os encorajamentos e recompensas propostos e prometidos a ele pelo Pai. Esta foi a “alegria proposta diante dele” (como o apóstolo a expressa em Hb 12:2), que o fez tão pacientemente “suportar a cruz e desprezar a vergonha”.

E da mesma forma Jesus Cristo reestipula, e dá seu compromisso ao Pai; que, sobre estes termos, ele está contente em ser feito carne, em despir-se, por assim dizer, de sua glória, em ficar sob a obediência e maldição da lei, e não recusar nenhum dos sofrimentos mais duros que agradaria a seu Pai infligir a ele. Tanto está implícito em Isaías 50:5,6,7: “O Senhor abriu meu ouvido, e eu não fui rebelde, nem voltei atrás; dei minhas costas aos que sorriam, e minhas faces aos que arrancavam os cabelos; não escondi meu rosto da vergonha e do cuspe, porque o Senhor Deus me ajudará, portanto não serei confundido; pus meu rosto como uma pedra, e sei que não serei envergonhado.” Quando ele diz “eu não fui rebelde”, ele quer dizer “eu estava mais sinceramente disposto, e contente em aceitar os termos”; pois há uma meiose nas palavras, e muito mais é pretendido do que expresso. E o sentido deste lugar é bem entregue a nós em outros termos, Salmo 40:6,7,8,9,10: “Então eu disse: Eis que venho, deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus, a tua lei está dentro do meu coração.” Ó, veja com que consentimento total o coração de Cristo se fecha com as ofertas e propostas do Pai; como um eco, que responde à sua voz duas ou três vezes. Assim Cristo aqui responde ao chamado de seu Pai: “Eu venho, deleito-me em fazer a tua vontade; sim, a tua lei está no meu coração.” E assim você vê os artigos aos quais ambos subscreveram, ou os termos com os quais concordaram.

5. Mostrarei brevemente **como esses artigos e acordos foram realizados** por ambas as partes, e isso de forma precisa e pontual. Pois, (1.) O Filho tendo assim consentido, conseqüentemente se aplica à execução de sua obra. Ele tomou um corpo, nele cumpriu toda a justiça, precisamente, Mateus 3:15. E finalmente [em] sua saída foi feita uma oferta pelo pecado, para que ele pudesse dizer o que é, João 17:4: “Pai, eu te glorifiquei na terra, terminei a obra que me deste para fazer.” Ele passou por todas as partes de sua obediência ativa e passiva, alegre e fielmente. (2.) O Pai cumpriu seus compromissos com Cristo, o tempo todo, com não menos fidelidade do que Cristo fez com os seus. Ele prometeu ajudar e segurar sua mão, e assim o fez, Lucas 22:43: “E apareceu-lhe

um anjo do céu, que o fortalecia.” Esse foi um dos maiores golpes que Cristo já enfrentou, e essa foi uma ajuda e apoio oportunos. Ele prometeu aceitá-lo em sua obra, e que ele seria glorioso aos seus olhos, e assim o fez, pois ele não apenas declarou isso por uma voz do céu, Lucas 3:22: “Tu és meu Filho amado, em quem me comprazo”; mas foi totalmente declarado em sua ressurreição e ascensão, que foram uma plena libertação e justificação dele. Ele lhe prometeu que “Ele veria sua semente”, e assim o fez; pois seu próprio orvalho de nascimento era como o orvalho da manhã; e desde então seu sangue tem sido frutífero no mundo. Ele prometeu recompensá-lo e exaltá-lo gloriosamente, e assim o fez, Fp 2:9,10,11, e isso de forma alta e supereminente: “dando-lhe um nome acima de todo nome no céu e na terra”. Assim foram os artigos realizados.

6. Por fim, ***quando foi feito*** esse pacto entre o Pai e o Filho? Eu respondo, ele é datado desde a eternidade. Antes que este mundo fosse feito, então eram seus deleites em nós, enquanto ainda não tínhamos existência, mas apenas na mente e propósito infinitos de Deus, que decretou essas coisas para nós em Cristo Jesus, como o apóstolo fala, 2 Timóteo 1:9. Que graça foi aquela que nos foi dada em Cristo antes que o mundo começasse, senão esta graça da redenção, que foi desde a eternidade assim concebida e projetada para nós, daquela forma que foi aqui exposta! Então houve o Conselho, ou Consulta de Paz entre ambos, como alguns tomam a passagem de Zacarias 6:13.

Agora, vamos aplicá-lo a nós.

Uso 1. O primeiro uso que se oferece a nós a partir daqui é a ***segurança*** abundante que Deus deu aos eleitos para sua salvação, e isso não apenas em relação ao pacto da graça feito com eles, mas também deste pacto de redenção feito com Cristo por eles, que de fato é o fundamento do pacto da graça. Uma única promessa de Deus é segurança suficiente para nossa fé; seu pacto de graça acrescenta ainda mais segurança; mas ambos vistos como os efeitos e frutos deste pacto de redenção, tornam tudo eficiente e seguro. No pacto da graça, não questionamos o desempenho da parte de Deus, mas frequentemente tropeçamos nos grandes defeitos de nossa parte. Mas quando olhamos para o

pacto da redenção, não há nada que abale nossa fé, ambos os federados sendo infinitamente capazes e fiéis para desempenhar suas partes, de modo que não há possibilidade de falha ali. Feliz seriam os cristãos confusos e perplexos se desviassem seus olhos dos defeitos que estão em sua obediência, para a plenitude e completude da obediência de Cristo, e se vissem completos nele, quando são coxos e defeituosos em si mesmos.

Uso 2. Daí também ser informado, que Deus Pai, e Deus Filho, ***confiam mutuamente*** e confiam um no outro no negócio de nossa redenção. O Pai confia no Filho para o desempenho de sua parte, como está em Is 42:1: "Eis o meu servo, a quem sustenho." Montano traduz como "em quem eu me apoio ou dependo". Como se o Pai tivesse dito, "eis que servo fiel eu escolhi, em quem minha alma está em paz; eu sei que ele prosseguirá com sua obra, posso depender dele". E, para falar claramente, o Pai confiou tanto em Cristo, que sob a confiança de sua promessa de vir ao mundo na plenitude dos tempos para se tornar um sacrifício pelos eleitos, ele salvou todos os santos do Antigo Testamento, cuja fé também respeitava um Cristo que viria; com referência a isso, é dito, Hb 11:39,40: "Que eles não receberam as promessas, tendo Deus provido algumas coisas melhores para nós, para que eles sem nós não fossem aperfeiçoados", isto é, sem Jesus Cristo manifestado na carne, em nossos tempos, embora acreditado, como vindo na carne, em seus tempos. E como o Pai confiou em Cristo, assim Cristo, da mesma maneira, depende e confia em seu Pai. Pois, tendo cumprido sua parte e deixado o mundo novamente, ele agora confia em seu Pai para o cumprimento daquela promessa feita a ele, Is 53:10: "Que ele verá sua semente". Ele depende de seu Pai por todos os eleitos que são deixados para trás, ainda não regenerados, bem como aqueles já chamados, para que todos sejam preservados para o reino celestial, de acordo com isso – João 17:11: "E agora eu não estou mais no mundo, mas eles estão no mundo, e eu vou para ti; Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste." E poderá se pensar que o Pai falhará em seu compromisso, quando em cada passo se comportou tão pontualmente para com o Filho? Não pode ser.

Uso 3. Além disso, daí inferimos a validade e o ***sucesso inquestionável da intercessão*** de Cristo no céu pelos crentes. Assim lemos, Hb 7:25: "Que ele vive sempre para interceder; e, Hb 12:24: "Que seu sangue fala coisas boas para

eles.” E ainda, que seu sangue obterá o que ele implora no céu, é indubitável, e isso pela consideração desta aliança de redenção. Pois aqui você vê que as coisas que ele agora pede de seu Pai, são as mesmas que seu Pai lhe prometeu, e pactuou dar a ele, antes que este mundo existisse. De modo que, além do interesse da pessoa, a própria equidade da questão fala de seu sucesso, e requer desempenho. Tudo o que ele pede por nós, é tão devido a ele quanto o salário do trabalhador, quando o trabalho é concluído; se o trabalho for feito, e feito fielmente, como o Pai reconheceu que foi, então a recompensa é devida, e devida imediatamente; e sem dúvida ele o receberá das posses de um Deus justo.

Uso 4. Portanto, da mesma forma, você pode ser informado da **consistência da graça com plena satisfação à justiça** de Deus. O apóstolo, em 2 Timóteo 1:9, nos diz: “Somos salvos segundo o seu próprio propósito e graça, que nos foi dada em Jesus Cristo antes dos tempos dos séculos.” Ou seja, de acordo com os termos graciosos desta aliança de redenção; e ainda assim você vê, apesar de tudo, quão estritamente Deus se posiciona sobre a satisfação de Cristo; então, graça para nós, e satisfação à justiça, não são tão inconsistentes como os adversários socinianos afirmam; o que era dívida para Cristo, é graça para nós; quando você ouve os homens clamarem, aqui está a graça de fato! “Pague-me tudo, e eu o perdoarei”; lembre-se de como todas as bocas são fechadas com aquele único texto, Romanos 3:24: “Sendo justificados gratuitamente por sua graça”; e ainda assim ele acrescenta, “através da redenção que há em Cristo.”

Uso 5. Novamente, julgue a **antiguidade do amor** de Deus pelos crentes! Que amigo antigo ele tem sido para nós; que nos amou, e providenciou para nós e planejou toda a nossa felicidade, antes de existirmos, sim, antes que o mundo existisse. Colhemos os frutos desta aliança agora, a semente que foi semeada desde a eternidade; sim, ela não é apenas antiga, mas também muito livre; nenhuma excelência nossa poderia despertar o amor de Deus, pois ainda não existíamos.

Uso 6. Portanto, julgue, quão razoável é **que os crentes abracem os termos mais duros de obediência a Cristo**, [aquele] que cumpriu com tais termos duros para sua salvação; eram termos duros e difíceis de fato, nos

quais Cristo recebeu você das mãos do Pai; era, como você ouviu, derramar sua alma até a morte, ou não desfrutar de sua alma. Aqui você pode supor que o Pai diga, ao conduzir seu trato com Cristo por você:

- **Pai.** *Meu filho, aqui está uma companhia de pobres almas miseráveis, que se destruíram completamente, e agora estão expostas à minha justiça! A justiça exige satisfação por elas, ou se satisfará na ruína eterna delas. O que será feito por essas almas?* E assim Cristo retorna.

- **Filho.** *Ó meu Pai, tal é meu amor e piedade por eles, que ao invés de perecerem eternamente, eu serei responsável por eles como seu Fiador; traga todas as suas contas, para que eu possa ver o que eles lhe devem; traga tudo, para que não haja débitos posteriores com eles; de minha mão você exigirá isso. Eu prefiro escolher sofrer sua ira do que que eles a sofram; sobre mim, meu Pai, sobre mim esteja toda a dívida.*

- **Pai.** *Mas, meu Filho, se você se comprometer com eles, você deverá pagar até o último centavo, não espere abatimentos; se eu poupá-los, não pouparei você.*

- **Filho.** *De acordo, Pai, que assim seja; traga tudo sobre mim, eu sou capaz de cumpri-lo; e embora isso seja por um lado uma ruína para mim, embora empobreça todas as minhas riquezas, esvazie todos os meus tesouros (pois assim de fato aconteceu, 2 Co 8:9: “Embora fosse rico, por amor de nós se fez pobre”), ainda assim estou contente em empreendê-lo.*

Corem, crentes ingratos, ó, deixem a vergonha cobrir seus rostos; julguem por si mesmos agora: Cristo mereceu que vocês ficassem com ele por ninharias, que vocês se acovardassem diante de algumas dificuldades egoístas e reclamassem “isso é difícil”, e “aquilo é severo”? Ó, se vocês conhecessem a graça de nosso Senhor Jesus Cristo nesta sua maravilhosa condescendência por vocês, vocês não fariam assim.

Uso 7. Por fim, quão grandemente estamos todos preocupados em ter certeza quanto a nós mesmos, de que pertencemos a este número que o Pai e o Filho concordaram antes que o mundo existisse; que fomos compreendidos no compromisso e pacto de Cristo com o Pai?

Objecção. Sim, você dirá, “quem pode saber disso, não houve testemunhas daquele acordo?”

Solução. Sim, podemos saber, sem ascender ao céu, ou bisbilhotar segredos não revelados, que nossos nomes estavam naquele pacto, se, (1.) vocês são crentes de fato; pois todos esses o Pai então deu a Cristo, João 17:8: “Os homens que me deste (pois deles ele falou imediatamente antes) creram que tu me enviaste.” (2.) Se você conhece a Deus salvadoramente em Jesus Cristo, tais homens lhe foram dados pelo Pai, João 17:6: “Manifestei o teu nome aos homens que me deste.” Por isso eles são discriminados do resto, versículo 25: “O mundo não vos conheceu, mas estes conheceram.” (3.) Se vocês são homens e mulheres de outro mundo, João 17:16: “Eles não são do mundo, como eu não sou do mundo.” Que se diga de vocês, como de homens moribundos, que vocês não são homens e mulheres para este mundo, que vocês estão crucificados e mortos para ele, Gálatas 6:14, que sois estrangeiros (Hb 11:13,14). (4.) Se você guarda a Palavra de Cristo, João 17:6: “Eram teus, e tu os deste a mim; e guardaram a tua palavra.” Por “guardar a sua Palavra”, entenda o recebimento da Palavra, em seus efeitos e influências santificadoras em seus corações, e sua perseverança na profissão e prática dela até o fim, João 17:17: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade”; João 15:7: “Se vós permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes.” Abençoada e feliz é aquela alma sobre a qual essas marcas abençoadas aparecem, que nosso Senhor Jesus colocou tão próximos, dentro do compasso de alguns versículos, neste capítulo 17 de João. Essas são as pessoas que o Pai entregou a Cristo, e ele aceitou do Pai, nesta aliança abençoada.